

#45 Sutra do Diamante - Dhyana Paramita

– RI 2020

Lama Padma Samten

Bacupari – 22/08 a 30/08

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #45

Revisão: Sandra Knoll

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

Tabela de conteúdos

- [Sutra do Diamante \(continuação\)](#)
 - [Dhyana Paramita](#)

Sutra do Diamante (continuação)

Dhyana Paramita

Dhyana é meditação.

Então Subhuti inquiriu o Senhor Buda dizendo:

- Supondo que um bom e piedoso discípulo, seja homem ou mulher.

Vejam, agora é o Subhuti que está perguntando. De modo geral é o Buda que fica perguntando ao Subhuti. Esta é uma forma interessante de dar ensinamentos, ao invés de tu explicares, tu perguntas. Mas agora o Subhuti se animou.

- Supondo que um bom e piedoso discípulo, seja homem ou mulher, tenha iniciado a prática para a obtenção de Anuttara Samyak-Sambodhi, como deverá ele fazer para subjugar inteiramente seus pensamentos vagueantes e desejos obsessivos?

Esta é a pergunta que ele tinha feito no início, ele a refaz, e o Buda, se não tivesse com paciência diria: - Subhuti, mas já expliquei tudo! Não chega isto, que mais tu queres que eu explique? Mas tudo bem, o Buda tinha uma super paciência.

Senhor Buda replicou. Ele sempre pensa, por exemplo, quando o Subhuti pergunta. Ele está pensando nos discípulos do futuro, como se fosse a própria mente do Buda perguntando para a mente do Buda. Subhuti olha e vê: - mas não está claro para as pessoas nos tempos futuros, ele pergunta. E o Buda tem a oportunidade de falar aquilo, é como

Yeshe Tsogyal também, como Ananda também. Eles ficam perguntando para ter aquele registro, para aquilo depois se propagar no tempo. Por isto nós temos estes ensinamentos todos do Buda, dos grandes mestres, porque estas perguntas vinham e permitiam esta clarificação.

O Senhor Buda replicou:

- Subhuti, algum bom e piedoso discípulo que esteja empreendendo a prática de concentrar sua mente em um esforço para atingir Anuttara Samyak-Sambodhi, deveria alimentar um único pensamento: (ou seja, motivação) Quando atingir a mais elevada e perfeita sabedoria, libertarei todos os seres sencientes conduzindo-os à paz eterna do Nirvana.

Isto é o voto de bodhichitta. Era isso que ele deveria alimentar na mente. Alimentar um único pensamento, ou seja, eu estou aqui sofrendo, estou com dor nas costas, estou com dor nas pernas, estou fazendo práticas, estou tentando localizar as coisas, para que, se eu entender, depois ajudo outros a superarem isso. Estou passando por um tipo de experiência e com este tipo de experiência que eu estou passando, depois eu vou ajudar os outros nas suas vidas.

Quando a pessoa tem isso, aparece virya, aparece a energia, e é esta energia que vai sustentar a prática.

Agora aqui é muito interessante, ele diz:

- Se este voto é sincero, estes seres sensoriais já estão libertos.

Isto é muito interessante, porque isso corresponderia a segunda e terceira nobre verdade. Nós temos a compreensão do sofrimento, sabemos as causas do sofrimento e sabemos que a liberação é possível. Quando olhamos todos os seres e reconhecemos que eles têm a natureza búdica, neste momento vemos que a prisão ao sofrimento não é algo fixo. Ela é transitória, ela flutua. Não há essa prisão, não há possibilidade de prisão no sofrimento. Quando os Bodhisattvas Mahasattvas olham isto com lucidez e se seu voto é lúcido e sincero, os seres sensoriais estão libertos. Porque eles são reconhecidos enquanto natureza búdica.

E ainda, Subhuti, se a verdade completa é vivenciada, sabes que nem mesmo um único ser sensorial jamais foi libertado. Porque não há a construção da liberação. Os seres sensoriais são naturalmente manifestação da mente búdica. E por que Subhuti? Porque se os Bodhisattvas- Mahasattvas tivessem mantido em suas mentes concepções arbitrarias como sua própria mente, outras identidades, seres vivos, uma alma universal e seres sensoriais, eles não poderiam ser chamados de Bodhisattvas Mahasattvas. Os seres sensoriais, aquilo que é chamado de seres sensoriais são manifestação direta da natureza búdica, eles são a própria natureza primordial. E o que isto significa Subhuti? Significa que não existe seres sensoriais a serem libertados e não existe identidade que possa iniciar a prática para chegar Anuttara Samyak-Sambodhi.

No sentido convencional, os seres sensoriais estão ali, nós estamos olhando dentro da bolha e existe a pessoa que vai iniciar a prática, mas os Bodhisattvas- Mahasattvas, no sentido último, se eles têm este olho de sabedoria, se ele disser: eu vou libertar os seres,

eles já veem que os seres têm a natureza liberta, eles apenas vão acionar, ajudar os seres a acionar a liberdade que eles já têm. (1:48:06)

Ainda que eles digam: - Bom, vou praticar, vou fazer isto, fazer aquilo, eles se constroem como seres que vão praticar, mas os Bodhisattvas Mahasattvas sabem que não existe uma identidade que possa iniciar a prática ou ancorar a prática. Não é uma identidade que vai ancorar a prática. Mas a própria lucidez é que vai manifestar este caminho. Por vezes nós seguimos o caminho, temos uma sensação de fazer votos firmes: - Eu isto, eu aquilo. Ou lembramos: - Eu nasci, eu já tinha a tendência, eu tenho isto, eu tenho aquilo. Uma história pessoal, o caminho virou uma história pessoal. Se contarmos isto para um grande mestre, para o Chagdug Rinpoche, outros grandes mestres, eles não levam isto com muita importância. Eles nem ouvem muito. Não querem ouvir. Isto não importa. Nós não vamos seguir por causa de uma história pessoal. Não é assim.

Segue porque aquilo brilha ou não brilha. A lucidez brilha, nós andamos, a história pessoal depois contamos. Isto não importa. A história pessoal não tem esta capacidade. Isso, explicado deste modo, significa que não existem seres sensoriais a serem libertados. Não existe identidade de que possa iniciar a prática de chegar Anuttara Samyak-Sambodhi.

Os votos que as pessoas fazem, que constroem a identidade do praticante que segue o caminho, são super perigosos se eles dão origem a noção de uma identidade. É um problema.

- O que tu pensas, Subhuti? Quando o Tathagata estava com o Buda Dipankara, ele teve algum pensamento específico de Dharma, como algo que pudesse garantir uma busca para atingir Anuttara Samyak-Sambodhi?

- Não Senhor Abençoado. Como eu entendo o que tu disseste a nós. Quando o Senhor estava com o Buda Dipankara, ele não criou qualquer formulação de Dharma como algo que pudesse garanti-lo na busca para atingir Anuttara Samyak-Sambodhi.

Ele não criou nenhum tipo de construção artificial. Ele simplesmente repousou neste estado amplo. Ele copia a mente do Buda Dipankara, ele copiou no mínimo um fragmento da mente, da liberdade do Buda Dipankara. O Buda Dipankara transmite a condição livre, e esta condição livre vai produzir o caminho, vai produzir todo o movimento. Por isto, o que vem a seguir parece estranho.

- Como eu entendo o que tu disseste a nós. Quando o Senhor estava com o Buda Dipankara, não criou qualquer formulação de Dharma como algo que pudesse garantir na busca para atingir Anuttara Samyak-Sambodhi. O próprio Buda, que já era um praticante, não criou qualquer formulação de Dharma, nenhum conjunto de referenciais. Ele pegou o aspecto amplo da mente, o aspecto livre.

O Senhor Buda ficou muito satisfeito com a resposta e disse:

- Está certo Subhuti, falando a verdade, não existe tal formulação de Dharma. Ou seja, o Dharma não pode ser formulado porque ele é este espaço livre onde naturalmente tem a lucidez, a lucidez olhando para as aparências, ela vê as aparências tais como elas são. Então, ela clarifica aquilo. Aquela clarificação é o Dharma. Se houvesse, o Buda Dipankara não teria antecipado, ou seja, se na mente do Buda Shakyamuni, na época um

praticante, tivesse alguma coisa deste tipo, o Buda Dipankara não teria antecipado que em alguma vida futura eu atingiria a condição de Buda de nome Shakyamuni.

O Buda Dipankara viu que o que o praticante tinha captado era justamente o espaço livre da mente e não a formulação. Por isso ele disse: *No futuro você vai atingir a liberação como o Buda Shakyamuni.*

-O que isto significa, Subhuti? Isto significa que o que eu atingi não é algo limitado e arbitrário. Não vem de um conjunto de referenciais, uma biblioteca ou um livro sagrado. Não é algo limitado que pode ser chamado de Anuttara Samyak-Sambodhi. Mas é a condição de Buda cuja essência é idêntica a essência de todas as aparências das coisas: Universal (está presente em tudo) Inconcebível (ela não pode ser reduzida a um conceito, uma formulação) Inescrutável (não pode ser vista de modo dual). Supondo, Subhuti, que houvesse ainda um discípulo que afirmasse: - Ummm, isto não é assim, que afirmasse que o Tathagata apoiou-se em conceitos que o garantiram na busca de Anuttara Samyak-Sambodhi?

O Buda não disse, mas ele gerou conceitos e, a partir destes conceitos, ele andou. (1:54:15)

- Ainda assim, se alguém disser isto, deve ser entendido, Subhuti, que o Tathagata verdadeiramente não apoiou-se em qualquer visão separativa de Darma que assegurasse seu êxito em atingir Anuttara Samyak-Sambodhi. Ele vai repousar apenas neste espaço livre da mente.

Senhor Buda enfatizou dizendo:

Vocês vejam, este aqui é o Dhyana Paramita.

O que o Buda está propondo? Que nós pratiquemos isto, entendem? Este lugar livre, e não uma formulação.

- Subhuti, a condição de Buda que o Tathagata atingiu é e não é ao mesmo tempo a mesma que Anuttara Samyak-Sambodhi. Ela é porque ela é, ela não é porque se nós tomarmos Anuttara Samyak-Sambodhi como uma formulação, ela não é. Isto é apenas uma outra maneira de dizer que o fenômeno de todas as coisas é idêntico à condição de Buda.

Isto é profundo, ou seja, todas as coisas, o fenômeno de todas as coisas é a manifestação da natureza luminosa. Este é o fenômeno de todas as coisas. E as coisas não são separadas, elas são não-duais com a mente luminosa. A mente surge no mesmo fenômeno que as aparências, através da luminosidade. Esta luminosidade que produz este fenômeno de surgimento de observador e objeto é uma manifestação do aspecto luminoso da própria mente. O aspecto luminoso da própria mente não é o aspecto luminoso da mente de alguém, do observador. O conjunto é o aspecto luminoso não-dual. Não existe aparência que seja dual de fato, as aparências são não duais. Quando pensamos que a aparência é dual, pensamos que a aparência está lá e eu aqui, daí tem outra aparência. Todas as aparências surgem inseparáveis da mente correspondente. Este é o aspecto não-dual. Esta não dualidade é a manifestação luminosa. Não são as aparências que são manifestações luminosas, é a não-dualidade de sujeito-objeto que é a manifestação não dual.

- Subhuti, a condição de Buda que o Tathagata atingiu é e não é ao mesmo tempo a mesma que Anuttara Samyak-Sambodhi. Isto é apenas uma outra maneira de dizer que o fenômeno de todas as coisas é idêntico à condição de Buda.

Condição de Buda ou Anuttara Samyak-Sambodhi é esta lucidez. A condição luminosa de Buda e a lucidez estão juntas, e nem é realidade, nem irrealidade. É assim, se eu disser que aquilo é uma realidade, eu construo um objeto com aquilo; se eu disser que aquilo não existe, eu estou enganado. Não posso nem afirmar que é realidade, nem que é irrealidade. Tem uma expressão que o Buda usa no Sutra da Haste de Arroz, ele não usa em muitos lugares, mas ali ele repete muitas vezes, que é esta expressão: “aquilo é não não-existente”. Eu poderia dizer que aquilo é não existente, eu nego que aquilo é não existente, então aquilo é não não-existente. Não afirmo que aquilo é existente, eu afirmo que aquilo é não não-existente. Esta compreensão da não não-existência de alguma coisa é assim: aquilo se manifesta, tem uma experiência.

-Subhuti, esta é a razão pelo qual eu digo que o Dharma de todas as coisas não pode jamais ser abarcado por quaisquer concepções arbitrárias de fenômenos. Não pode ser explicada por coisas causais, conceituais. não importa quão universal tal concepção possa ser. Esta é a razão pela qual isto é chamado de Dharma, e a razão pela qual não há tal coisa como o Dharma.

Ou seja, não há uma coisa, não é uma formulação fixa. Quando ele diz: - O Dharma de todas as coisas, ou seja, o sentido profundo de cada uma das coisas não pode jamais ser abarcado por quaisquer concepções arbitrárias, porque o Dharma é justamente a compreensão de como as coisas surgem a partir das concepções arbitrárias, pelo aspecto luminoso da mente construindo aquilo. Esta compreensão em si mesma, ela não vem senão pela superação das condições arbitrárias que produzem as aparências comuns. (2:00:02)

O Dharma vem justamente por ultrapassar as concepções arbitrárias que dão significado às coisas. Não há esta possibilidade. Não importa quão universal as concepções possam ser. O Dharma seria justamente ultrapassar as concepções, vê-las como a razão pela qual as aparências comuns brotam. – E por isso é chamado de Dharma. E esta também é a razão pela qual não há tal coisa como o Dharma. (tal coisa seria o quê? seria algo formulável, fixável, que seja possível de descrever, porque esta sabedoria é inconcebível, ela percebe as coisas mas não está baseada em qualquer elemento construído. Isto seria rigpa. Anuttara Samyak-Sambodhi é a descrição de rigpa, sabedoria primordial.

Quando a gente diz que o fenômeno de todas as coisas é idêntico à condição de Buda, todas as coisas são manifestação de vacuidade e luminosidade. Essencialmente isso: kadag, tsao, lundrup, incessantemente presente. Dentro disso nós temos rigpa, Anuttara Samyak-Sambodhi é o acesso à rigpa.

- Subhuti, supõe que eu estivesse falando sobre o tamanho do corpo humano, o que entenderias por isto?

-Honrado dos mundos, eu entenderia que o Senhor não estaria falando sobre o tamanho do corpo humano como um conceito arbitrário de sua fenomenologia. Eu entenderia que as palavras trariam apenas um sentido convencional.

Por exemplo, tamanho do corpo humano. Este é um bom exemplo, eu de modo geral não uso este exemplo, mas é um bom exemplo. Porque o tamanho é sempre relativo, eu não consigo lidar com o tamanho como uma coisa absoluta. Não tem um referencial de tamanho absoluto. Eu posso definir em metro, centímetros, alguma coisa comparativamente; eu vejo se é grande ou pequeno. É grande comparado a quê? em relação a umas coisas é grande, em relação a outras é pequeno. Como vou definir? Isto é o Samsara, não tem um critério final.

. Ele vai dizer: isto aqui é grande, isto é pequeno, isto é um sentido convencional. Não tem outro jeito. As sabedorias todas do mundo convencional são deste tipo.

-Subhuti, exatamente o mesmo se dá quando os Bodhisattvas Mahasattvas falam da liberação de uma quantidade inumerável de seres sensoriais. Se eles tivessem em mente quaisquer concepções arbitrárias de seres sensoriais ou de números definidos, eles seriam indignos de serem chamados Bodhisattvas Mahasattvas. O próprio conceito de ser sensorial e de número de seres sensoriais são como o tamanho do corpo humano, não tem um sentido que a gente possa confiar. E porque Subhuti? A verdadeira razão pela qual eles são chamados de Bodhisattvas Mahasattvas é porque eles abandonaram todas as concepções arbitrárias tais como essas. Eles abandonaram as concepções arbitrárias de coisas que se referem a outras para ganhar sentido; e o que é verdadeiro para uma concepção é verdadeiro para todas as demais. Os ensinamentos do Tathagata são inteiramente livres de todas as concepções arbitrárias. Os ensinamentos do Tathagata são a liberdade natural da mente diante de todos estes fatores. Eles elucidam estes fatores, portanto, eles nos permitem ultrapassar as fixações que nós temos com relação a eles e que vão produzir os sofrimentos correspondentes.

-Os ensinamentos do Tathagata são inteiramente livres de todas as concepções arbitrárias, tais como a própria identidade, identidade de alguém, identidade dos outros seres vivos ou uma alma universal.

Para tornar este ensinamento mais enfático, Senhor Buda continuou:

- Se um Bodhisattva Mahasattva falasse assim: - Eu ornamentarei as Terras de Buda. Ele estaria criando qualidades que ajudariam os seres no caminho através das Terras de Buda. Ele seria indigno de ser chamado Bodhisattva Mahasattva, e por quê? Porque o Tathagata ensinou explicitamente que, quando um Bodhisattva Mahasattva usa tais palavras, ele não deve manter na mente qualquer concepção arbitrária de fenômenos, ele deve usar tais expressões meramente como palavras. Subhuti, só aqueles discípulos cuja a compreensão pode penetrar de modo suficientemente profundo no sentido dos ensinamentos, do Tathagata, concernentes à ausência de identidade de ambos, coisas e seres vivos, e que podem entender claramente seu significado, é que são dignos de seres chamados de Bodhisattvas Mahasattvas. Só aqueles que conseguirem penetrar neste ponto da ausência de identidade, enquanto que os discípulos Hinayana são aqueles que estão fixados às identidades. Esta é a definição.